

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO: UM ENTUSIASTA DO “BRASILEIRISMO SADIO”

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO: AN ENTHUSIAST
OF “HEALTHY BRAZILIANISM”

Vilma Eliza Trindade

Doutora em Ciências- História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular aposentada do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), *Campus* de Corumbá. vtrin2@hotmail.com

RESUMO – Tendo em vista a produção intelectual e a trajetória percorrida por Virgílio Corrêa Filho (1887-1973), não é possível considerá-lo, de forma simplista, apenas como um historiador mato-grossense. Essa visão deturpa a real significação do conjunto de sua obra. As questões que permeiam seus trabalhos refletem, de modo permanente, as impressões vividas por um intelectual transregional, atingido simultaneamente pelas injunções da política interna e externa. Integrou o conjunto de estudiosos que, na década de 1920, defendeu o ideário nacionalista, contribuindo, no período Vargas, para empreender a Marcha para Oeste. Seus trabalhos revestem-se de extrema complexidade e só podem ser dimensionados, portanto, à luz de um universo interdisciplinar, vinculado às mudanças estruturais e conjunturais brasileiras. O Conselho Nacional de Geografia, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o *Jornal do Comércio*, localizados no Rio de Janeiro, desempenharam um papel decisivo em sua trajetória. A participação como sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (Cuiabá), em 1919, foi significativa, ao contribuir para a elaboração de uma identidade mato-grossense construída com o objetivo de evidenciar a importância do Estado para a forma-

ção e consolidação da unidade nacional. Vivenciando e usufruindo das vantagens decorrentes do ambiente cosmopolita do Rio de Janeiro, Virgílio Corrêa Filho, tendo sempre ocupado cargos de destaque como funcionário público, além de jornalista e engenheiro civil, dedicou mais de meio século de sua vida à elaboração de trabalhos destinados ao conhecimento do Brasil, nos quais se incluem os estudos acolhidos pela *Revista Brasileira de Geografia*.

Palavras-chave: Memória. História. Geopolítica.

ABSTRACT – Considering Virgílio Corrêa Filho's (1887-1973), intellectual production and his background it is not possible to simply consider him as a native Mato Grosso historian. Such perspective would compromise the real meaning and relevance of his work set. The issues underlying his work permanently reflect the impressions of a trans-regional intellectual, simultaneously influenced by domestic and foreign policies. He was a member of the group of scholars, who back in the 1920s defended the nationalist ideology, contributing with the March to the West. His work show great complexity and therefore can only be measured through interdisciplinary analysis, connected to Brazilian structural and conjunctural changes. The Conselho Nacional de Geografia (CNG-RJ) (National Geography Council), The Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB-RJ) (Brazilian Historical and Geographical Institute, in Rio de Janeiro), as well as the newspaper *Jornal do Comércio* (RJ) in Rio de Janeiro, played a decisive role throughout his life. As a founding partner, and active member of the Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT-Cuiabá) (Mato Grosso State Historical and Geographical Institute, in Cuiabá) in 1919, he contributed to the creation of a Mato Grosso state identity aiming to highlight the importance of such state for the consolidation of the national unity. Enjoying the

advantages of the cosmopolitan environment of Rio de Janeiro, Virgílio Corrêa Filho has always had relevant positions as a public servant. Moreover, as a journalist and a civil engineer he has devoted more than fifty years of his life to developing work concerning the knowledge of Brazil, including the studies published in the *Revista Brasileira de Geografia* (Brazilian Geographical Journal).

Keywords: Memory. History. Geopolitics.

TRAJETÓRIA E RELAÇÕES DE PODER

Virgílio Corrêa Filho fazia parte de uma família influente no cenário político-econômico, com representantes na esfera nacional, como é o caso do sogro Pedro Celestino Corrêa da Costa, importante político local, deputado (1891 e 1908), senador (1918 e 1927) e Presidente de Mato Grosso (1908-1911 e 1922-1924). Como, também, manteve estreita relação de amizade e parentela (CORRÊA, Samuel A. A., 1987)² com Filinto Müller³, figura proeminente durante o Estado Novo (BARROS, 1934).

Em consulta as suas memórias, constatei a dedicação que, desde estudante de Engenharia Civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro⁴, dispensava à leitura de

2 CORRÊA, Samuel A. A. (1987, p. 41). Conforme entrevista que realizei com Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro, Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, em 15 de julho de 1998 (Cuiabá-MT): é sempre conveniente lembrar os entrelaçamentos familiares que unem os cuiabanos. Neste caso, os Müller eram parentes da esposa de Virgílio Corrêa Filho.

3 A atuação do mato-grossense Filinto Müller, como homem público, iniciou-se em 1931, como secretário do interventor federal de São Paulo. De 1933 a 1942, exerceu a função de chefe de polícia do Distrito Federal. Passou, então, a oficial de gabinete do Ministro da Guerra, até 1943, sendo nomeado presidente do Conselho Nacional do Trabalho. Foi um dos fundadores do Partido Social Democrático (PSD) em 1945, eleito Senador por Mato Grosso em 1947, exerceu o mandato até 1951. Voltou ao Senado em 1954, reelegendo-se seguidamente (depois de 1965 pela Arena) até seu falecimento em 1973, vítima de um desastre aéreo (HEYMANN, 1997).

4 Turma de Estradas e Pontes de 1908: Benjamin do Monte (RJ), Álvaro de M. Röhe (RJ), A. F. de Souza da Silveira (RJ), Antonio Meira Júnior (RJ), Antonio Botafogo (RJ), Gastão de Attayde (RJ), Carlos da Gama Lobo (RJ), Aristides F. Figueiredo (Estado do RJ), Joaquim A. B. Ottoni (PR), Muniz Freire Júnior (ES), Virgílio Corrêa Filho (MT). Consultar: ARQUIVO DE ICONOGRAFIA DO IHGB.

Auguste Comte, o que pode indicar pistas da sua concepção de História. Apreciava também a literatura, a começar por Alencar e Macedo, Sílvio Romero, Taunay e os autores portugueses mais afamados, como também os românticos Herculano e Garrett, como os da fase naturalista, Eça de Queiroz, alternando Camilo (CORRÊA, Samuel, 1987). Tais leituras despertaram-lhe, certamente, o gosto pelas letras, o que explica o hábito de elaborar ensaios, desde as primeiras participações em empreendimentos de engenharia, bem como quando assumia altos cargos na burocracia estadual ou nacional, além de participações em congressos, aproveitando as pesquisas realizadas durante o desempenho de suas funções, o que marcou suas obras com uma intensa documentação. Assim ocorreu com as seguintes obras: *Estrada da Chapada* (1910), *Mato-Grosso* (1922), *Questões de Terras* (1923), *Notas à Margem* (1924b), *À Sombra dos Ervais Mato-Grossenses* (1925a), *Monografias Cuiabanas* (composta de sete volumes) (1925d)⁵, *As Raias de Mato Grosso* (constituída de quatro volumes) (1926d), *As Estradas de Rodagem de Mato Grosso* (1928a), *Os Predecessores de Rondon* (1928d), *Os Tratados com a Bolívia* (1930b), dentre as mais conhecidas, enquanto ainda vivia em Cuiabá, Mato Grosso. Tais publicações ainda hoje constituem referência para os estudiosos de temas mato-grossenses e o credenciaram para que fosse nomeado sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB-RJ) na Assembleia Geral Extraordinária, em 22 de agosto de 1931, após ter participado do 2º Congresso de História Nacional, promovido pelo Instituto, no qual representou o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT- Cuiabá), do qual foi sócio fundador em 1919.

5 *À Sombra dos Ervais Mato-Grossenses* (1925a); *Evolução do Erário* (1925c); *Monografias Cuiabanas: Questões de Ensino* (1925d); *À Cata de Ouro e Diamantes* (1926a); *A Propósito do Boi Pantaneiro* (1926b); *Considerações acerca da Peste de Cadeira* (1927) e *Indústrias Mato-Grossenses* (1945d).

Rastreando sua trajetória, parti do pressuposto de que é fundamental também o reconhecimento de algumas pessoas que tiveram expressiva influência e fatos a ela vinculados. Da sua formação participaram os seguintes engenheiros: Dr. José Matoso Sampaio Corrêa, Dr. Joaquim Inácio de Almeida Lisboa, Dr. Getúlio das Neves, Dr. Carlos Sampaio, Dr. Paulo de Frontim, além dos franceses E. Tisserandot e E. L. Bosquet.

Em 1908, ano da formatura, participou da Exposição Nacional em comemoração ao “Centenário da Abertura dos Portos”, organizada pelo Presidente Afonso Pena, como um dos delegados por Mato Grosso, em substituição ao seu pai Coronel Virgílio Alves Corrêa, indicado pelo Presidente da Província Generoso Paes Leme de Souza Ponce. Era chefe da comissão organizadora das festividades o Senador Antônio Azeredo, o qual lhe possibilitou aproximar-se do Senador Pinheiro Machado (CORRÊA FILHO, 1951d), que, segundo ele, dominava a política nacional à época. O evento permitiu-lhe conhecer, também, Tavares de Lyra (CORRÊA FILHO, 1955b), Ministro da Justiça, e Miguel Calmon (CORRÊA FILHO, 1935c), Ministro da Viação, além de “outros personagens conspícuos”, conforme registrou. É importante observar sua grande amizade com Astério Lobo, seu colega, filho de Fernando Lobo (CORRÊA FILHO, 1937), mineiro, “vulto plutarquiano da propaganda republicana”, como o definia. Ao frequentar-lhe a casa, como hóspede, conheceu também o irmão Hélio Lobo, diplomata e escritor, membro do IHGB-RJ e da Academia Brasileira de Letras (ABL, RJ) que também se fazia presente ao evento. De acordo com Virgílio Corrêa Filho, este era funcionário e colaborador do Barão do Rio Branco e lhe facilitou participar de recepção no Itamarati, baile que fazia parte da programação oficial.

No decorrer da pesquisa foi possível verificar a permanência de algumas dessas relações no início da sua profissão, marcada pela participação em várias comis-

sões técnicas do Governo Federal para a construção de estradas de rodagem e de ferro, em São Paulo, Mato Grosso e estado do Rio de Janeiro. Era Diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) seu ex-professor, o Dr. Paulo de Frontim. O convite para que integrasse os serviços da NOB foi-lhe transmitido pelo Dr. José Matoso Sampaio Corrêa, que exercia, então, o cargo de Superintendente. Esse professor, escritor, deputado por dois mandatos (1918-1920 e 1933-1937), deputado à Assembleia Nacional Constituinte de 1934, senador pelo Distrito Federal (1921-1927), marcou bastante sua “trajetória”, pois, além da grande amizade que os unia, foi seu padrinho de casamento, juntamente com Hélio Lobo⁶, referido anteriormente. Ainda sob a direção de Sampaio Corrêa, como o chamava, exerceu a função de Gerente da revista técnica *Viação*, em 1931, cujo escritório funcionava no Edifício do *Jornal do Comércio*, no qual publicava artigos semanalmente, sendo este dirigido, à época, por José Félix Alves Pacheco, seu amigo e conselheiro. Esse jornalista, “luminoso exemplo para quantos pretendam exercer o jornalismo com dedicação apostolar”⁷, fora também, Deputado Federal (1909, com sucessivas reeleições até 1921) e Senador (1921 e 1927) pelo Piauí, tendo ocupado o Ministério do Exterior, no governo de Artur Bernardes (1922-1926).

Tais relações, além da produção de uma vasta obra, fartamente documentada, possibilitam compreender o processo que levou Virgílio Corrêa Filho a fazer parte do alto escalão burocrático, tanto do IHGB como do Conselho Nacional de Geografia (CNG) no Rio de Janeiro, por mais de três décadas, permitindo-lhe extrapolar as fronteiras da historiografia mato-grossense, especialmente no Estado Novo.

6 Consultar: Corrêa Filho (1942h, 1943c, 1948, 1950e, 1960e, 1960g).

7 Conferir: Corrêa Filho (1931a, 1932a, 1936b, 1938g, 1941b e 1945c).

O trabalho de levantamento dos textos assinados por Virgílio Corrêa Filho, muitos ainda não explorados pela historiografia, sem desprezar, o recolhimento de informações sobre eles, foi imprescindível para descortinar o contexto histórico por ele vivido e sua relação com a história construída. Apesar do esforço realizado, considero impossível estabelecer o número exato de sua vasta e variada produção. Além do registro das publicações que consegui reunir, acredito poder oferecer a futuros pesquisadores algumas pistas em que poderão perscrutar outros títulos que, com certeza, ainda são muitos. Procurei situar essa significativa produção no tempo e no espaço em que foi produzida, tendo como suporte as observações de Pierre Bourdieu, que aponta para a necessidade de “[...] aplicar o modo de pensar relacional ao espaço social dos produtores”, a fim de penetrar no “microcosmo social” onde são elaboradas as obras culturais, tanto no campo literário, artístico, científico e outros em que, por meio de “relações de forças específicas” se “engendram as estratégias dos produtores”, ou seja, “a forma de arte que defendem as alianças que estabelecem, as escolas que fundam, e isso por meio dos interesses específicos que são aí determinados” (BOURDIEU, 1996, p. 60-61). Pedro Tórtima, que se empenhou em reunir a maior parte das publicações de Virgílio Corrêa Filho, informou-me da dificuldade para determinar o número exato, dado o seu volume. Apesar de ter realizado um trabalho criterioso, reconheceu também que teria legado aos pesquisadores um arrolamento incompleto (TÓRTIMA, 1987).

As evidências revelam um intelectual vinculado a órgãos oficiais como o IHGB e o CNG, além de intensa participação no *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, por mais de três décadas (1927-1960) (CARTA..., 1964b). Tais instituições desempenharam funções relevantes para promover e legitimar a política do Estado Novo (10/11/1937–29/10/1945), irradiando

da capital da República para todo o país os ideais nacionalistas de Getúlio Vargas. A política e a cultura nacional, é importante enfatizar, conviveram harmoniosamente durante esse período, correspondendo aos ideais doutrinários do regime, que cooptou a intelectualidade que desde a década de 1920 se considerava responsável pela restauração do Estado e da Nação⁸, para o projeto de difusão e legitimação das suas atividades governamentais. Segundo Mônica Pimenta Velloso (1988), para a capitalização do intelectual para o projeto literário estadonovista exigia-se, como requisito fundamental, o caráter realista e documental-biográfico da sua obra. Isto porque esta deveria ser vista como o “retrato do Brasil”, ou mesmo como “documento e espelho da realidade brasileira”, estampando com perfeição a imagem da nacionalidade, correspondendo, portanto, à simetria “autor-obra-nação”, paradigma naturalista do Estado Novo. Assim, o documento emprestaria estatuto de conhecimento verdadeiro, ou mesmo autenticidade, à obra, de modo que esta pudesse ser interpretada como o real, e não, como se sabe, uma representação do real⁹.

Diversos intelectuais, como Virgílio Corrêa Filho, viram-se, ao longo dos anos, envolvidos com o projeto de perpetuação de valores formadores de uma memória fiel aos desígnios da política governamental, por conta das aspirações norteadoras do IHGB, bem como aos anseios nacionalistas, parte de um programa mais amplo ligado às pretensões governamentais. Os estudos sobre o passado deveriam, pois, ser sempre o principal objetivo dos pesquisadores, cuja finalidade seria aproveitar suas lições, para fortalecer o sentimento de unidade nacional e garantir o desenvolvimento do país, referendando, aqui, uma concepção de história nitidamente pragmática. Seria preciso ainda, de acor-

8 Sobre os movimentos intelectuais dos anos de 1920, consultar: Miceli (1979), Pécaut (1990), Estudos Históricos (1993) e Gomes (1994).

9 Chartier (1990, 1994) comentou fartamente o conceito de “representação”.

do com Virgílio Corrêa Filho, conhecer as origens do Instituto, ou seja, os “mesmos sentimentos ancestrais, de que resultou a sua formação”, para lhe garantir o desenvolvimento futuro. A ideia de uma origem e de um passado histórico comuns deveria estimular o sentimento pela defesa da unidade nacional. Isto explica a necessidade do desempenho do IHGB como ele dizia de “guardião das tradições nacionais” (CORRÊA FILHO, 1945a).

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MATO-GROSSENSE

Virgílio Corrêa Filho participou efetivamente do meio cultural mato-grossense, como sócio-fundador do IHGMT, como já referido, bem como da Academia Mato-Grossense de Letras (Cuiabá, 1921), tendo colaborado intensamente para forjar uma identidade sobre Mato Grosso que permanece servindo de parâmetro, ainda hoje, para os pesquisadores. Em suas obras é evidente seu intento ao qualificar os mato-grossenses como um povo de “arrojada bravura” herdada dos bandeirantes, além da construção da memória de um passado glorioso, elaborado para exemplificar o caráter heroico dos desbravadores. Em mais de duas centenas de biografias publicadas por ele, sobre personagens mato-grossenses, nacionais e internacionais, está manifesto o programa dos institutos históricos pela elaboração de biografias de homens ilustres, modelos de virtudes para a posteridade.

Entre os principais “heróis” mato-grossenses biografados estão Ricardo Franco, Antônio João e Antônio Maria Coelho, dentre outros não menos prestigiados. Sempre ressaltando a importância de cada um para a história, apresentou-os elevados à categoria de Plutarco (s.d.). Assim se caracteriza, por exemplo, seu primeiro trabalho no gênero biográfico denominado *Os Predecessores de Rondon*, de 1928, sobre Silva Pontes,

Lacerda e Almeida, Ricardo Franco e Luís d'Alincourt (CORRÊA FILHO, 1928d), tidos como exploradores dos rios e desbravadores da região, além de demarcadores das fronteiras mato-grossenses no século XVIII.

Uma década depois publicou *Galeria Mato-Grossense*, composta das biografias de quatro personagens ilustres: *Luís de Albuquerque* (1942e), *Pedro Celestino* (1945e), *Joaquim Murtinho* (1951b), *Augusto Leverger* (1941d), conhecidos, respectivamente, como: fronteiro insigne, guia dos mato-grossenses, restaurador das finanças brasileiras e bretão cuiabanizado.

As biografias constituem, sem dúvida, parte substancial de sua obra e nelas fez questão de exaltar as qualidades, as virtudes e as realizações dos grandes estadistas e dos célebres personagens da história mato-grossense, nacional e internacional, com o objetivo de contribuir para a construção e preservação de uma identidade vinculada à perpetuação de valores considerados essenciais para a garantia do status quo. Segundo Wanderbilt Duarte de Barros, Virgílio Corrêa Filho contribuiu para “realocar valores subtraídos à admiração”, ou seja, para lembrar os “grandes operários da construção da nacionalidade” (BARROS apud IHGB, s.d., p. 98).

Para Nanci Leonzo, as “histórias de vida voltam, no Brasil, à moda, geram polêmicas” e, considerando que a biografia é entendida como “um gênero difícil e fértil”, ela “seduz”, na medida em que “instaura infinitas mediações na dialética Memória/História” (LEONZO, 1996, p. 351-352). Refletir sobre a memória construída é, portanto, fundamental para a superação de conceitos retrógrados que muitas vezes permanecem na historiografia levando à deturpação da realidade. Nesse sentido é que, diferentemente das “biografias romanceadas”, as biografias de Virgílio Corrêa Filho se caracterizam como biografias consagradas à “inteligência histórica”, considerando que o seu estudo pode contribuir, também, para “o conhecimento do passado brasileiro”

(HOLANDA, 1951, p. 1-3). É possível concluir que para a elaboração das suas biografias, Virgílio Corrêa Filho selecionou personalidades que estavam de acordo com os critérios e valores que defendeu durante toda a vida. Será possível perceber, portanto, que ao escolher seus “cidadãos modelares”, gravou em cada biografia uma mensagem para a posteridade, incluindo aí, com certeza, exemplos de “sadio idealismo patriótico”, sendo seus biografados portadores, portanto, de “um brasileiro sadio”, feito “bandeirante da brasilidade”, assim como se referia a Getúlio Vargas. Outra ideia subjacente é o fato de que “homens notáveis”, naturais de Cuiabá ou “cuiabanizados”, conforme sua expressão, contribuíram para a construção da nacionalidade brasileira, considerando seu projeto de propaganda de Mato Grosso que tinha por finalidade divulgar seus valores sociais, intelectuais e morais, incluindo aí os “lances heroicos de sua história”, além das suas potencialidades econômicas. Traço marcante do conjunto de sua obra é o fato de tê-la elaborado sempre buscando no passado os acontecimentos que pudessem colaborar para a montagem do quadro onde deveriam se desenrolar os fatos e a trama dos personagens na história que se propunha a construir.

Em discurso no IHGB, Orlando Valverde afirmou que, para estudar seriamente a História e a Geografia de Mato Grosso, não se pode ignorar a obra monumental de Virgílio Alves Corrêa Filho, pois este legou para o Brasil “uma herança inestimável para a sua cultura e sua afirmação como povo” (VALVERDE, s.d., p. 89-92). A partir dessas evidências é possível afirmar que sua obra biográfica, seguindo os mesmos ideais presentes em Carlyle (s.d.) e Plutarco (s.d.), de mitificação dos “homens notáveis” como verdadeiros “exemplos de virtudes”, pode ser explorada e caracterizada, na medida em que expressa os valores e o significado de uma época determinada. Além disso, representam a

legitimação dos ideais perseguidos por Virgílio Corrêa Filho, como grande nacionalista, ao resgatar e, ao mesmo tempo, preservar os caracteres de brasilidade que sempre cultuou.

Ao desenvolver suas biografias, Virgílio Corrêa Filho deixou evidente sua visão política, no intuito de defender a perpetuação do consenso, ou seja, dos valores condizentes com o poder constituído. A tendência pragmática em evidência no seu trabalho, no sentido de ressaltar em cada personagem biografado qualidades exemplares, não desmerece a hipótese de que são as suas biografias destinadas à “inteligência histórica”. Com certeza, elas trazem um acervo de informações diversas que, embora mereçam ser devidamente dimensionadas, são importantes para o conhecimento de uma época determinada da história do Brasil.

IHGB: GUARDIÃO DAS TRADIÇÕES NACIONAIS

Virgílio Corrêa Filho, que, em todos os aspectos, preenchia os requisitos exigidos para compor os quadros intelectuais do regime do Estado Novo, passou a vida exaltando o IHGB, divulgando a sua ação cultural tanto no plano nacional como internacional. Em seus artigos sobre a fundação, arquivo, sedes, atividades culturais desenvolvidas e grandes obras (CORRÊA FILHO, 1946a, 1953b, 1959a, 1960f, 1962b, 1962e, 1963e)¹⁰, é possível reconstituir a história percorrida pelo órgão, especialmente quando a ele esteve vinculado. A obra *Missões Brasileiras nos Arquivos Europeus* (1952b), publicada no México, quando representou o Brasil na Comissão de História do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, é representativa do orgulho e da admiração que dispensava ao Instituto, já como sócio benemérito. Nela fez questão de divulgar as

10 Sobre as atividades culturais do Instituto escreveu ainda no volume 249, 1960d; v. 257, 1962a; v. 261, 1963b; v. 265, 1964; 269, 1965a. Relação incompleta.

iniciativas do IHGB para implementar pesquisas nos arquivos da Europa. Além do substancial conteúdo, relacionou os arquivos consultados em vários países, elencando sempre em anexo, uma extensa relação de documentos. Enaltecendo essa iniciativa do Instituto, visando a aumentar seus próprios arquivos com a colaboração de órgãos estrangeiros congêneres, afirmou que a importância de tal empreendimento estava em contribuir tanto para o “esclarecimento de fatos” como para a “revisão das interpretações correspondentes” (CORRÊA FILHO, 1952b). Outra atividade da “centenária trajetória” que vinha percorrendo o IHGB e que mereceu sua atenção foi a participação em congressos científicos, nacionais e estrangeiros, desde 1866, enviando os seus representantes “credenciados” para discutir temas referentes à história ou geografia, como tantos em que participou. Por exemplo, o 8º Congresso de Educação, realizado em Goiânia, em 1942, 10º Congresso Brasileiro de Geografia, no Rio de Janeiro, dois anos depois, 4º Congresso de Geografia e História, em Porto Alegre, em 1945, 1º Congresso Nacional de História, na Bahia, e Semana Euclidiana, em São Paulo, em 1949 (CORRÊA, 1987).

Nos artigos que produziu à luz do panorama político do Estado Novo, pode ser constatada sua contribuição para o programa vigente de construção da nacionalidade brasileira, já referido, entre os intelectuais orgânicos (TRINDADE, 2001), que atuavam na imprensa naquele período, como o publicado em 1942, no qual revela, também, sua simpatia aos ideais do pan-americanismo¹¹, em que Roosevelt, por meio de uma política de

11 “O Pan-americanismo ganhou corpo e consistência histórica através das conferências interamericanas (oito conferências internacionais e duas especiais entre 1889 e 1940) e das reuniões de consulta de ministros do exterior (duas, às vésperas da Segunda Guerra Mundial). [...]. No meio século que separa a Primeira Conferência Internacional de Estados Americanos [...] da eclosão da Segunda Guerra Mundial a liderança continental de Washington jamais foi seriamente contestada” (MAGNOLI, 1997, p. 198-199).

aproximação com os países do continente, engendrou a união americana, sob sua liderança. É importante enfatizar que o governo de Getúlio Vargas, especialmente por intermédio da diplomacia do Ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha, afirmou a adesão à solidariedade pan-americana em 1940. Ao aderir a essa política, o objetivo da diplomacia brasileira era fortalecer os vínculos com os Estados Unidos, ameaçados pela presença alemã em território brasileiro. Seu entusiasmo pela formação de “poderoso bloco defensivo” condiz com a decisão tomada em janeiro de 1942, no Rio de Janeiro, pelos chanceleres americanos, em favor do rompimento de relações com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) (BANDEIRA, 1978) o que teria reforçado a política da união americana. Além de evocar o papel destinado aos intelectuais, “publicistas”, no *Panorama Luminoso* (CORRÊA FILHO, 1939k), como denominava o período, é importante observar que é possível entrever no discurso de Virgílio Corrêa Filho a política do momento, ou seja, o presidente brasileiro abandonara a neutralidade, período ao qual dedicou também vários artigos (CORRÊA FILHO, 1938c, 1939f), envolvendo o país no conflito mundial ao lado dos Estados Unidos. Seus trabalhos refletem, portanto, os rumos da política de Getúlio Vargas, tanto no contexto nacional como internacional, procurando sempre demonstrar os sucessos e sua eficácia para o futuro do Brasil. Sempre expressou em seus inúmeros artigos o compromisso com o grupo ao qual estava integrado.

Como intelectual orgânico, cumpria sua missão. Não podia deixar de participar da orientação política cultural do regime. Os temas veiculados na imprensa oficial, após a declaração de guerra, em agosto de 1942, tinham como finalidade preparar a sociedade brasileira, mantê-la informada sobre a política militar do governo e registrar o posicionamento de Getúlio Vargas já pró-Estados Unidos e de oposição às questões do

fascismo. Assim, era organizada a memória que deveria ser divulgada e, portanto, preservada. Não é demais insistir que o discurso de Virgílio Corrêa Filho não pode ser visto de forma isolada. As evidências demonstram que fazia parte efetiva do projeto de propaganda do regime. Na revista *Ciência Política* (VERGARA, 1941), órgão oficial do Instituto Nacional de Ciência Política (INCP), fundado por amigos de Getúlio Vargas, com a qual, é importante registrar, Virgílio Corrêa Filho colaborou, é possível encontrar inúmeros discursos pródigos em elogios às ações do presidente, além de ter sido ilustrada com seus pensamentos.

Artigos publicados por Virgílio Corrêa Filho, como: *Data Pan-Americana* (1940c), *O Instituto Histórico e a Cordialidade Americana* (1950d), *Embaixador da Paz* (1955a)¹², *O Itamarati e a História do Brasil: à Sombra de Sadias Tradições* (1956), entre outros, correspondem a essas expectativas e só podem ser compreendidos à luz dessas evidências, conservando, pois, o mesmo discurso de admiração pela política externa executada pelo governo. Não se pode perder de vista o fato de que fora organizada uma verdadeira rede de produção intelectual voltada para a legitimação do projeto de construção da nacionalidade desenvolvido por Getúlio Vargas. Consoante a esse projeto, Virgílio Corrêa Filho, especialmente, enaltecia os grandes homens e/ou instituições. O objetivo de Virgílio Corrêa Filho era incentivar o sentimento dos brasileiros de amor à Pátria naquele momento de crise (1942), como ele dizia, envolvendo a todos na luta patriótica de apoio ao governo.

Para Virgílio Corrêa Filho, “revela-se modelar a organização” (1940a) empreendida pelo governo, enquanto vai “moldando” em novas bases a vida nacional, sem

12 Sobre José Carlos de Macedo Soares, personagem muito importante do Estado Novo que, entre outros cargos, foi Ministro da Justiça e Presidente do IHGB (CORRÊA FILHO, 1955a).

que pudesse haver nenhum recuo às modernizações já implementadas. Getúlio Vargas, com sua maneira “sagaz” de resolver os problemas, teria conseguido apoio dos Estados Unidos para fundar no Brasil o maior centro metalúrgico da América do Sul, referindo-se às obras desenvolvidas pelo governo (1940e), como a implantação da indústria siderúrgica, controladas, segundo ele, com eficiência.

Adaptando essas reflexões às questões centrais da nossa problemática, podemos afirmar que os intelectuais do regime não negligenciaram suas prerrogativas. O poder das palavras foi utilizado para fixar a memória nacional pretendida, ou seja, para obter a legitimação da política do Estado Novo.

O papel destinado ao IHGB, como foi possível verificar, pode ser mesmo considerado como de “guardião das tradições nacionais”, na medida em que se esmerava para reunir, conservar e divulgar documentos tidos como fundamentais para a história do país, cultivando e legitimando, por meio das suas publicações, conferências e cursos, realizados sob sua égide, uma memória histórica destinada a preservar valores que, sem dúvida, refletindo com Pierre Bourdieu, foram socialmente produzidos, a partir de um trabalho coletivo de construção da realidade social (BOURDIEU 1989), neste caso, pelos acólitos do Estado Novo, para cultivar a imagem pública de Getúlio Vargas.

Assim, a produção de intelectuais vinculados ao serviço público, como Virgílio Corrêa Filho, cujas funções estiveram comprometidas com a concepção de nacionalismo voltada para a consolidação da unidade nacional, dentro de um projeto caracterizado como “movimento de restauração conservadora e reorganizadora” (TORRES, 1982, p. 132-133), evidencia a dedicação ao projeto de perpetuação de valores formadores de uma identidade nacional, e/ou, provincial, de acordo com o *status quo* da época.

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO NO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA: “SADIOS IDEAIS DE MAIOR COESÃO NACIONAL”

Outro órgão que exerceu profunda influência na “trajetória” de Virgílio Corrêa Filho foi o Conselho Nacional de Geografia/CNG. Organismo oficial de coordenação e supervisão das atividades geográficas brasileiras, criado pelo Decreto nº 1.527, de 24 de março de 1937, denominado Conselho Brasileiro de Geografia, incorporado ao Instituto Nacional de Estatística, criado em 1934, sob a égide de Getúlio Vargas (SECRETARIA GERAL DO CONSELHO, 1939), recebeu o título de Conselho Nacional de Geografia a 26 de janeiro de 1938, pelo Decreto nº 218 (CORRÊA FILHO, s.d.). Para o governo estadonovista havia necessidade do ordenamento e planificação sistemática dos estudos sobre o território do país para garantir desenvolvimento e segurança, além de estabelecer propostas sugerindo uma diretriz para a política nacional, sendo fundamental promover a realização da campanha pela sistematização da divisão territorial (CORRÊA FILHO, s.d.).

A colaboração constante prestada aos interventores de Mato Grosso, naturalmente homens da confiança do presidente, garantiu-lhe as credenciais necessárias que o levaram a pertencer à alta burocracia do CNG. Como ele próprio afirmou, a reunião que o recomendou para “missão oficial e que lhe garantiu estabilidade na vida, à sombra do C.N.G.” (CORRÊA, 1987, p. 96)¹³ aconteceu no Gabinete do Ministro do Interior José Carlos de Macedo Soares, a 23 de agosto de 1937, com os interventores de Mato Grosso, Capitão Manoel da Silva Pires, ao qual dava assessoria, e de Goiás, Pedro Ludovico, para a definição de limites comuns entre os dois Estados, da qual participou como autor da obra

13 Sua admiração pelo Embaixador Macedo Soares foi registrada em diversos artigos, como: Corrêa Filho (1942a, 1942d, 1955a, 1963c, 1963d, 1963e).

As Raias de Mato Grosso (CORRÊA FILHO, 1926d), acompanhado pelo amigo e antigo sócio, Deputado por Mato Grosso, Yttrio Corrêa da Costa. A aprovação do acordo, de cuja redação participou, deu-se com o assentimento do Gal. Eurico Dutra, Gal. Rondon, Dr. Carlos Murтинho e do Dr. Cristóvão Leite de Castro. Nas suas memórias registrou com ênfase que não poderia prever a influência que esse fato, do qual participou como delegado do governo de Mato Grosso e representante do IHMT, exerceria em sua vida (CORRÊA, Samuel. A. A. 1987).

De fato, sua inserção no âmbito político e cultural, após esse episódio, ampliou-se significativamente. Foi nomeado, em 1939, Chefe da Seção de Documentação do Órgão, exercendo também, nesse mesmo ano e, posteriormente, em 1958, a função de Assistente Técnico. Nessa condição, participou da 1ª Reunião de Consulta de História do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH), organização internacional permanente custeada pelos governos americanos (COMENTÁRIOS, 1944)¹⁴, sediado no México, em 1947. Como um defensor do pan-americanismo, sempre viu com bons olhos a participação do Brasil nesse Instituto, cuja Assembleia inaugural realizou-se no Rio de Janeiro em 1932, na qual representou o IHMT. Tomou parte, também, na 2ª Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia e Cartografia, promovida pela Comissão de Cartografia do IPGH, organizada pelo CNG, cujos trabalhos foram desenvolvidos no IHGB, em 1944¹⁵. Esteve presente, como representante do CNG, na Assembleia do IPGH em Caracas, em 1946 e na 1ª Reunião de Consulta de História no IPGH, no México, em 1947. Ocupou o cargo de Secretário Geral, substituindo Cristóvão Leite de Castro em 1950 e em

14 O objetivo do IPGH era de congregar os cientistas das Américas (NOTICIÁRIO, 1944).

15 Conferir: Corrêa (1987) e Noticiário (1944)

1956. Em 1952, tornou-se Assistente Geral do CNG e, no ano seguinte, foi escolhido para atuar como Diretor da Divisão Cultural e membro da Comissão de Redação da *Revista Brasileira de Geografia* (Resolução nº 18, de 12 de julho de 1938, do CNG). Em 1955 foi nomeado Diretor da Comissão de Redação dessa *Revista*, tendo desempenhado anteriormente a função de suplente¹⁶, sendo que, em 1962, foi novamente designado para Diretor¹⁷. A participação de Virgílio Corrêa Filho foi intensa no *Jornal do Comércio*, bem como na *Revista Brasileira de Geografia*, ambas as publicações destinadas à divulgação de assuntos relativos ao território brasileiro. Seus ensaios refletem os debates do período, envolvendo temas como geografia, conceituações sobre geopolítica, fronteiras, divisão territorial, meios de transportes, entre outros.

Desta forma, com participação em vários congressos, apresentando e publicando trabalhos, Virgílio Corrêa Filho tomou parte ativa no projeto de construção e difusão, no país e no exterior, de uma memória nacional em conformidade com a máxima de Getúlio Vargas “Impulsionar e difundir, o mais largamente possível, a cultura é obra de sadia brasilidade” (VERGARA, 1943, p. 62). Aqui se consolidou como intelectual “transregional”, assim definido, sob premissas expostas por Pierre Bourdieu. Para o sociólogo francês, o intelectual “transregional” é aquele que, na condição de agente ativamente envolvido na luta “regional”, projeta-se atrelando-se ao poder central, colocando seu “capital econômico e cultural” à disposição do poder constituído (BOURDIEU, 1996, p. 131).

Virgílio Corrêa Filho, portanto, fazia parte dos geopolíticos que debatiam questões relativas às fronteiras nacionais, tema por excelência da geopolítica no campo

16 Conferir: *Revista Brasileira de Geografia* (1943, 1944, 1955).

17 Conferir: *Carta...* (1962a) e *Corrêa* (1987).

das relações internacionais. Aliás, afirma Miyamoto (1995) que, os estudos desenvolvidos durante o Estado Novo foram precursores dos debates realizados nas décadas posteriores, em cujo clima foi criada a Escola Superior de Guerra, veículo de doutrinação e treinamento para os militares de uma forma específica de desenvolvimento e segurança nacional, na defesa de ideias maniqueístas dominantes no cenário internacional da Guerra Fria contra o comunismo, investindo, portanto, em um projeto de modernização conservadora, além de funcionar como instrumento para a realização de ligações orgânicas entre militares e civis (DREIFUSS, 1986). Essa referência é necessária, levando-se em conta que Virgílio Corrêa Filho ligou-se à Associação dos Diplomados da ESG, no ano da sua criação, em 1951, por indicação do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, fato que muito lhe agradou por conta da aproximação de militares mercedores de sua “crescente admiração e apreço, a começar do respectivo diretor Gal. O.[Osvaldo] Cordeiro de Farias”(CORRÊA, 1987, p. 101), tendo realizado o curso de revisão em 1954. Era uma exigência das Forças Armadas, especialmente, após a entrada do Brasil na Guerra, como providência indispensável à segurança nacional, a prestação de informações “oportunas, precisas e circunstanciadas” sobre os mais diversos aspectos das condições brasileiras (INQUÉRITOS..., 1952, p. 312), como a organização de estatística e de mapas precisos sobre o território nacional.

Nesse sentido, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) integrado ao CNG, cujas seções de Estatística Militar funcionavam como colaboradores do Conselho de Segurança Nacional e dos Estados Maiores das Forças Armadas durante o período do conflito prestou serviços à planificação do esforço de guerra do país, fornecendo às autoridades competentes o resultado de suas pesquisas e “executando inquê-

ritos especiais”, de caráter eventual ou permanente, inclusive o levantamento dos estoques e outros índices econômicos, que as Forças Armadas considerassem úteis aos seus serviços técnicos e estatísticos (NOTICIÁRIO, 1944; SINOPSE..., s.d.)¹⁸.

Para Virgílio Corrêa Filho, o Decreto-Lei nº 311, de 2 de março de 1938, responsável pela divisão territorial do país, denominado “Lei Geográfica do Estado Novo”, contribuiu para o perfeito conhecimento do país, além de ter colaborado para reforçar a unidade nacional a partir da utilização de critérios comuns, elaborados para todo o território brasileiro, para a distribuição do país por circunscrições (CORRÊA FILHO, 1942g).

Da aplicação desse Decreto-Lei, resultou a Feira de Amostras (CORRÊA FILHO, 1941a), da qual Virgílio Corrêa Filho participou apresentando o mapa econômico de Mato Grosso. As Assembleias Gerais do CNG, realizadas anualmente, orientavam-se, segundo ele, por “sadios ideais de maior coesão nacional”, contribuindo para fortalecer o espírito de “brasilidade integral”, como a decisão de elaborar a “Carta do Brasil” e o *Dicionário Topográfico e Geográfico*, além de “mapas murais”, em um esforço concentrado para divulgar “o retrato cartográfico do Brasil”, em sua ampla imensidão (CORRÊA FILHO, 1939a). É importante salientar que sua obra *Pantanaís Mato-Grossenses (Devassamento e Ocupação)* (CORRÊA FILHO, 1946), prefaciada por Heitor Bracet, Presidente em exercício do IBGE, com “Apresentação” de Cristóvão Leite de Castro, Secretário Geral do CNG, constituiu o terceiro volume a integrar a Biblioteca Geográfica Brasileira, instituída pela Resolução nº 68, de 12 de julho de 1941, da Assembleia Geral do CNG, com a finalidade de oferecer aos estudiosos uma coleção de obras consagradas aos estudos geográficos, particularmente sobre o Brasil (CORRÊA FILHO, 1946b).

18 Para conferir alguns resultados dos recenseamentos realizados no Brasil até a década de 1940, consultar: Para que serve o recenseamento (1950).

Para essas Assembleias convergiam as atividades de colaboradores do país inteiro, empenhados em nacionalizar os estudos geográficos brasileiros, orientados por modernas diretrizes, das quais Virgílio Corrêa Filho era membro atuante. A campanha das coordenadas, à qual dedicou mais de um artigo, empreendida pelo “Conselho” com a uniformização da técnica, orientada pelo professor Allyrio de Mattos, da Escola Nacional de Engenharia, determinaria a posição das localidades ainda sem definição exata, por meio de levantamento sistemático das coordenadas geográficas rigorosamente calculadas (CORRÊA FILHO, 1939b, 1939g). Além de desenvolver pesquisas e estudos para a definição dos mapas dos municípios, o Conselho, fundado à luz de “sadio idealismo patriótico” (CORRÊA FILHO, 1942g), viabilizaria, também, estratégias para o crescimento racional da indústria, bem como do mercado interno e externo (NOTICIÁRIO, 1944).

A racionalidade administrativa para a organização do território seria, portanto, o resultado da aplicação dos estudos geográficos. Tendo desenvolvido uma carreira que espelha as relações internacionais do país, ligadas à questão do pan-americanismo, portanto, como intelectual “transregional”, Virgílio Corrêa Filho afirmou que o estudo da terra brasileira e do homem que a valoriza com seu trabalho ampliava-se, também, com a publicação de obras excelentes, como *Notas de Geografia Militar Sul Americana*, do Coronel Francisco de Paula Cidade, prefaciada pelo General Valentim Benício da Silva¹⁹, e *Geopolítica*, de autoria do Coronel Leopoldo Nery da Fonseca, ambas as publicações de 1940 (CORRÊA FILHO, 1941f). Tais autores estariam incluídos na “corte” dos “mestres modernos” que não consideravam a geografia descritiva senão como auxiliar da que tem por objeto o estudo do homem como

19 Sobre esse general, “eminente autoridade”, ver Corrêa Filho (1940d).

parte da paisagem onde vive, ou que a vai modificando com as suas atividades, sem esquecer a contribuição de Frederico Ratzel (1844-1904) e de Paul Vidal de la Blache (1845-1918). Lembrou, também, a colaboração dos mestres franceses De Martone e Pierre Deffontaines, adeptos da geografia humana. Entre os mais ardorosos seguidores dessa “orientação científica”, ainda em número reduzido, segundo ele, estaria o Professor Delgado de Carvalho, “paladino admirável da transformação”, que já expressava os novos rumos que deverão seguir os estudos geográficos do Brasil (CORRÊA FILHO, 1940b), a quem, afirmou, tocará sempre a primazia de ter iniciado o ensino racional da geografia humana no país (CORRÊA FILHO, 1941a).

Virgílio Corrêa Filho, atuante propagandista da política varguista, “intelectual orgânico” do regime, não poderia deixar de contribuir para cultuar um dos maiores empreendimentos do Estado Novo, como foi a “Marcha para Oeste”. Para ele, o Presidente Getúlio Vargas “ao rumar para Oeste, [...] com os recursos da técnica moderna, para afeiçoar a Natureza ao povoamento metódico irá renovar os feitos verdadeiramente épicos da história nacional, da era das bandeiras” (CORRÊA FILHO, 1938i).

Assim, a “Marcha para Oeste”, fator de integração nacional, defesa das fronteiras, exploração e povoamento, especialmente da região Centro-Oeste, efetivou-se dos postulados da geopolítica, desenvolvidos nos anos de 1930 e 1940, com a contribuição do desenvolvimento das pesquisas e dos estudos realizados no CNG. Para Virgílio Corrêa Filho, a “arrancada para o Oeste” não se reduzia a simples oratória, para “aprazimento da assistência”, era um imperativo de brasilidade. A integridade territorial constituía uma necessidade premente que só os técnicos munidos de instrumentos apropriados poderiam realizar, para garantir a nacionalização das fronteiras (CORRÊA FILHO,

1941e), que fez questão de denunciar, pressionando o Governo Federal para que providências fossem tomadas para a solução dos problemas “lindeiros”, por meio dos seus ensaios publicados pelo *Jornal do Comércio*, desde 1931, tema pelo qual sempre se empenhou, como também exemplifica o artigo *Nacionalizando as Fronteiras* (CORRÊA FILHO, 1939e). Neste, fez questão de demonstrar que o “surto de nacionalismo”, que teria inspirado às atividades brasileiras novas diretrizes, fortalecera a coesão em torno da “Pátria homogênea e unificada” por meio da colonização dos terrenos fronteiriços, de núcleos, constituídos de maneira especial, por “brasileiros natos” para beneficiar sua realização. Essa atividade já estaria em andamento graças ao “desvelo governamental” que teria concretizado o projeto desenvolvido pelo Major Frederico Rondon, o Instituto de Colonização Nacional.

Associações de cultura nacionalista, como a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, criada em 1932, da qual, também, foi sócio, por indicação do Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto e Dr. Rafael Xavier²⁰, e muitos publicistas de renome, opinavam contra a permanência de estrangeiros na chamada “região lindeira”, considerado “perigoso regime” para a integridade nacional. O Estado Novo, segundo ele, não reconhecia direitos adquiridos quando contrariavam os interesses da comunidade. Para “aparar as demasias ameaçadoras da segurança nacional”, o presidente legislava a respeito (CORRÊA FILHO, 1939e), afirmou ele. Dando continuidade à apreciação do “impulso audaz do bandeirismo, afeiçoado aos imperativos modernos”, empreendido por Getúlio Vargas, não se esqueceu de divulgar as riquezas naturais e as transformações que já eram realidade na região Centro-Oeste, como empreendimentos urbanísticos modernos, que não apa-

20 Conferir: Correspondência... (1943).

gariam de todo, segundo ele, “as feições tradicionais”, mantendo, porém, perfeita harmonia com a “índole conservadora do povo” (CORRÊA FILHO, 1942f). Para reforçar suas impressões, publicou o artigo *Divagações*, a 18 de junho de 1939, em que discorreu sobre o passado das três cidades mato-grossenses já atingidas pela “marcha progressista”, quais sejam, Campo Grande, Corumbá e Cuiabá, enfatizando a última, com o objetivo de reivindicar a ligação de sua cidade natal com as regiões litorâneas por meio da estrada de ferro (CORRÊA FILHO, 1939c). Aqui também, concluiu o texto asseverando que, ninguém “para tal missão construtora se emparceirá com o Presidente Getúlio Vargas [...] feito bandeirante da brasilidade” (CORRÊA FILHO, 1939c). Em *Ideias Pioneiras* também chamou a atenção para a necessidade de manutenção dos investimentos, em especial, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, para fomentar o engrandecimento da economia brasileira (CORRÊA FILHO, 1939d). Esse mesmo interesse perpassou seu discurso no artigo *E. F. Brasil-Bolívia* (CORRÊA FILHO, 1941c), em que defendeu a ligação entre o Brasil e a Bolívia, mediante o prolongamento dos trilhos até Santa Cruz de la Sierra. Segundo Virgílio Corrêa Filho, o objetivo principal inspirador dessa ferrovia, iniciada em 1939, a Ferro Carril Brasil-Bolívia, foi definido pelo Tratado de Vinculação Ferroviária, de 1938, ou seja, a saída do petróleo boliviano para os mercados consumidores brasileiros, além de estabelecer, praticamente, a ligação do Atlântico ao Pacífico, concretizando, também, desta forma, mediante uma política continental de comunicações, a de “boa-vizinhança” na América Latina (CORRÊA FILHO, 1950c)²¹.

Na verdade, o ideal pela defesa da integridade do território nacional sempre esteve presente nos estudos

21 Ver também: Corrêa Filho (1938d).

desenvolvidos por Virgílio Corrêa Filho, como comprovam obras elaboradas desde a fase inicial da sua produção, como: *Questões de Terras* (CORRÊA FILHO, 1923, 1958c) e os quatro volumes de *As Raias de Mato Grosso*, publicadas entre 1924 e 1926 (CORRÊA FILHO, 1924a 1925b, 1926c), entre outras. Seu objetivo estava em colaborar para a definição de propriedade dos latifúndios, povoamento organizado do interior do país, bem como das faixas de fronteira, implementação dos meios de transportes e, para a fixação, especialmente, dos limites mato-grossenses, como procedeu na reunião, anteriormente referida, realizada no Gabinete do Ministro José Carlos de Macedo Soares, em 1937, em que o mérito do seu trabalho fora reconhecido, em plena vigência do Estado Novo.

Tendo em vista a “trajetória” percorrida por Virgílio Corrêa Filho, não é possível considerá-lo apenas como um historiador mato-grossense. Essa visão simplista deturpa a real significação da obra produzida por ele. Intelectual engajado às instituições reconhecidamente ligadas ao Governo Federal, com representação no exterior, adquiriu uma experiência de vida, que, sem dúvida, interferiu na história construída, emprestando ao seu trabalho uma noção de integridade territorial que o libertou dos limites impostos pelas contingências de origem. Quando escreveu sobre Mato Grosso, não foi somente por mero sentimentalismo pelo torrão natal. Seus trabalhos têm um sentido mais complexo e só podem ser mais bem dimensionados à luz de um universo maior, como procurei demonstrar (TRINDADE, 2001). Historiador comprometido com os acontecimentos do seu tempo, impôs a sua vasta e variada obra um sentido dialético, ou seja, as questões que permeiam seus trabalhos refletem de modo permanente as impressões vividas por um intelectual “transregional”, atingido simultaneamente pelas injunções da política interna e externa. Ao conferir legitimidade às práticas

políticas do seu tempo, referia-se a Mato Grosso integrando-o, especialmente, ao programa da “Marcha para Oeste”, empreendida por Getúlio Vargas. Um forte condicionamento geopolítico levou-o a desenvolver temas nessa perspectiva, não os restringindo, porém, a Mato Grosso.

Corrêa Filho escreveu como um admirador de Alexandre de Gusmão (1930a, 1933a, 1935a, 1950b), Barão do Rio Branco (1962d, 1962f), Marechal Rondon (1929, 1931b, 1938h, 1939L, 1952c, 1958f, 1961b, 1965c), estimulado por geopolíticos históricos, seus contemporâneos, em parte já referidos, como Mário Augusto Teixeira de Freitas, José Carlos de Macedo Soares, Mário Travassos (1943d), Everardo Backheuser (1951c), Feijó Bittencourt (1957d), José de Lima Figueiredo (1958d), Leopoldo Nery da Fonseca e Francisco de Paula Cidade. Para citar apenas alguns. Também publicou: *Ensaio de Geografia Militar* (1935b), *O Dissídio Lindeiro (Paraguai-Bolívia)* (1936c), *A História através do Depoimento dos Diplomatas (Simonsen)* (1938a), *História Econômica do Brasil* (1938f), *O Homem e as Secas* (1939h), *O Problema das Secas* (1939i, 1939j, 1958e), *Devassamento e Ocupação da Amazônia Brasileira* (1942c), *A Propósito de Novos Territórios* (1944a), *Empresa Modelar (E. F. Paulista)* (1944b), *Contrastes Guanabarinóis* (1945b), *Utilização Econômica de Terras* (1946c), *A Geografia, Auxiliar da Diplomacia* (1950a), *Formação Geográfica do Brasil* (1951a), *Expansão Territorial do Brasil* (1952a), *Evolução Ferroviária no Brasil* (1953c), *Histórico das Fronteiras* (1953d), *Comissão Bacia Paraná-Uruguaí - Cooperação Fecunda* (1957c, 1958a, 1958b), *Introdução à Enciclopédia dos Municípios* (1959b), *Evolução Geográfica da Cidade* (1961a), *Conselho Nacional de Geografia (RJ)* (1962c)²², *A Cartografia da Região Amazônica* (1963a), *Portugalia*

22 No Mensário do Jornal do Comércio, constatee 40 ensaios sobre o Conselho, de 1937 a 1958.

Monumenta Cartográfica (1963f), entre muitos outros. Com a mesma perspectiva publicou os textos, já citados anteriormente, além de outros, sobre as questões do território e da história mato-grossense, região privilegiada para os estudos geopolíticos, pela posição geográfica estratégica, para o desenvolvimento dos projetos de interiorização do país, de ligação com o litoral e com os países da América Latina. Outro fator geopolítico importante é a extensão do território, além dos rios, vias que, quando bem aproveitadas, podem contribuir para a defesa e integração nacional, parte do projeto nacionalista centralizador. Assim, Corrêa Filho escreveu também sobre vários rios brasileiros, como o Amazonas (1942c, 1943a), o Cuiabá (1942b), o Guaporé (1966), o Paraguai (1928b, 1928c, 1934a, 1946b, 1965b), o Paraná (1933c), o São Francisco (1934b, 1943b, 1947a, 1947b, 1951e, 1951f, 1953a), além de outros. Os textos sobre o pan-americanismo refletem, é importante insistir, a política externa brasileira, dentro da estratégia da “boa vizinhança”, defendida por Franklin Roosevelt e apoiada por Getúlio Vargas, de cuja propaganda encarregavam-se, oficialmente, o IHGB e o CNG, sediando e organizando as reuniões do IPGH. São essas múltiplas evidências, inter-relacionadas (THOMPSON, 1981), que garantem a compreensão da história vivida e construída por Virgílio Corrêa Filho.

Mesmo após o Estado Novo, Virgílio Corrêa Filho continuou sendo requisitado pelos governantes de Mato Grosso, como evidenciam algumas de suas cartas, em função do prestígio adquirido durante a trajetória percorrida como homem público, intelectual vinculado aos institutos oficiais referidos. Muito bem relacionado, como no governo de Getúlio Vargas, manteve-se próximo também de Eurico Dutra, com o qual tinha amigos comuns (CARTA..., 1961), e Jânio Quadros, ambos mato-grossenses. Como delegado de Mato

Grosso, participou, também, da 21^a Assembleia Geral do Conselho Nacional de Geografia, em 1962, com a missão de reivindicar soluções para o problema de discriminação jurisdicional que envolvia as ilhas do rio Paraná (CARTA..., 1962a). Da mesma forma, representou Mato Grosso na 22^a Assembleia Geral do Conselho, em 1963. Desta vez, tratou especialmente da carência de energia elétrica e meios de transportes, além da necessidade de empreendimentos quanto às rodovias e pontes fundamentais para o desenvolvimento do Estado. O governo de Mato Grosso solicitava, também, a colaboração do CNG para resolver problemas ligados ao Departamento de Terras e Colonização, como um programa político de atividades rurais, a partir de estudos geográficos, evitando-se falar em reforma agrária, “título impreciso, pela sua amplitude, que depende da interpretação que se lhe dê”, referindo-se ao sensato diretor do Departamento de Terras de Mato Grosso, Dr. Antônio de Arruda Marques (CARTA..., 1963). Em 1964, data da *Revolução Gloriosa* (CARTA..., 1964e), foi consultado sobre o crescimento desordenado de Cuiabá, tendo considerado importante “enquadrá-la quanto possível nas regras modernas de urbanismo”, além de “relembrar” os ensinamentos das gerações passadas, recomendando, portanto, a publicação do seu livro *História de Mato Grosso* (CARTA..., 1964d). Em carta ao engenheiro Manoel Rodrigues Ferreira e ao professor Tito Lívio Ferreira, comentou a obra *A Maçonaria na Independência Brasileira*, atestando a atualidade do tema, quando “perigos” ameaçavam de “subversão” a vida político-social brasileira marcando, mais uma vez, o “lugar” de onde falava o intelectual Virgílio Corrêa Filho (CARTA..., 1962b).

Também por carta, expressou enorme satisfação pela escolha de Roberto Campos, seu conterrâneo, para Ministro do Planejamento do governo de Castelo Branco. Lembrando Joaquim Murtinho, “o restaura-

dor das finanças do Brasil”, demonstrou confiança no outro cuiabano para conter “os desvarios” da economia nacional e “fortalecer as bases do verdadeiro desenvolvimento metódico, para que o Brasil floresça de contínuo, sem tropeços” (CARTA..., 1964a).

As evidências não deixam dúvidas sobre a “trajetória” percorrida por Virgílio Corrêa Filho. Homem do século XIX que viveu no século XX, sempre vinculado ao poder constituído, atuou como geopolítico e, ao mesmo tempo, como historiador, trabalhando pelo culto da tradição, ou, como ele dizia, “guardião das tradições nacionais”.

Diversos pesquisadores, tanto em âmbito regional como nacional, já fizeram uso de seus estudos como fonte documental, proporcionando, portanto, o êxito de seu projeto para tornar conhecida a memória construída e as potencialidades do seu estado natal. Dentre eles, destaco Cassiano Ricardo, Raul Silveira de Mello, Fernando de Azevedo, José Honório Rodrigues, Hernani da Silva Bruno, Gilberto Freyre, Manoel Correia de Andrade, Edgar Carone e até mesmo Wilson Martins. Inclusive, é importante mencionar que extrapolou, também, para o exterior por intermédio de brasilianistas, como Henry Hunt Keith, da Universidade da Califórnia, Berkeley, entre outros. Assim, ao evidenciar a importância de Virgílio Corrêa Filho para os estudiosos da história mato-grossense, é possível defini-lo como um “paradigma” de historiador regional, empenhado na construção, preservação e valorização de uma idealizada identidade mato-grossense.

Refletindo com Pierre Bourdieu sobre as estratégias explicativas de Virgílio Corrêa Filho em seu empenho pela definição de uma identidade “regional”, é preciso evidenciar que participava do grupo dirigente do Estado que se propunha “incluir no real a representação do real”, isto é, legitimar a representação, ou imagem, projetada como realidade ideal. A obra de Virgílio Corrêa

Filho, “paradigma” de historiador “regional”, deve ser explicada, assim, à luz de uma história política local que, vez por outra, se confunde com a nacional e, em momentos extremos, com a internacional.

Para culminar com os pressupostos histórico-metodológicos de Virgílio Corrêa Filho, que vimos analisando até aqui, é preciso considerar que publicou sete artigos em homenagem à *Afonso Celso* (1860-1938) (CORRÊA FILHO, 1936a, 1938b, 1957a, 1957b, 1960a, 1960b, 1960c), autor da obra clássica *Porque me Ufano do meu País* (CELSO, 1937), além de cultuá-lo, também, por meio de conferências no IHGB, em 1960, em seu centenário, e na Federação das Academias de Letras do Brasil, no mesmo ano.

As evidências demonstram que é indispensável compreender o trabalho de Virgílio Corrêa Filho como o resultado das elucubrações e da perspectiva de um intelectual comprometido com a conjuntura política, econômica e social de seu tempo, não se restringindo a nenhuma “fronteira regional”. Muito pelo contrário. O fato de ser lembrado, sobretudo por ter mantido “vivo em seu coração e em sua mente” (CORRÊA, s.d., p. 359) sua região de origem, coloca em risco a compreensão do conjunto da sua obra, visto que não se ocupou somente do passado mato-grossense. Nesse sentido, ao ter contribuído para a construção da identidade do seu Estado, acabou se transformando em um objeto dessa mesma identidade, ainda em gestação.

Intelectual engajado à organização burocrática do Estado, em especial durante o governo Vargas, Virgílio Corrêa Filho desempenhou intensamente seu papel de polígrafo para cumprir as tarefas determinadas pelos interesses oficiais. Assim, historiador do tempo presente, marcou sua presença na história não descuidando das funções de “funcionário-escritor”, na expressão de Sérgio Miceli. Fazendo perpetuar a memória construída ao orientar-se pelos seus valores

e preocupações da época vivida, dirigiu-se aos historiadores futuros, sempre em defesa de um ufanismo patriótico que qualifica seu testemunho, emprestando as suas publicações um caráter pragmático. Nas biografias de “homens ilustres”, como também em seus temas prediletos, aparece uma história na qual não há rupturas, em que estão sempre presentes seus ideais por uma política de conciliação. A heroicização imputada a mato-grossenses como Ricardo Franco, Antônio João, Augusto Leverger, entre tantos outros, expressa seu interesse pelo desbravamento do interior, ou seja, a intenção sempre percorrida, em evidência, especialmente, no período do Estado Novo, pela integração de Mato Grosso à história nacional.

Entendo que a contribuição de Virgílio Corrêa Filho para a história deve ser mais bem dimensionada, considerando-se o pioneirismo de autores que, como ele, se sensibilizaram e providenciaram a proteção, a conservação e a organização de documentos valiosos, acervos imprescindíveis para a construção do conhecimento. É tarefa do historiador aproveitar esse legado cultural atendo-se para as questões contemporâneas, fazendo avançar o conhecimento histórico a partir das novas necessidades que se apresentam a fim de compreender melhor o passado e, portanto, dar condições para que novos paradigmas propiciem meios mais eficazes para a investigação científica.

Para Pierre Bourdieu, a ausência de atitude crítica faz as suas vítimas, sendo os estudantes, as primeiras, pois estariam “condenados a deixarem sempre uma guerra científica ou epistemológica para trás”. Isto porque, muitas vezes, os professores, em vez de partir dos avanços resultantes das investigações científicas, os fazem “percorrer constantemente domínios já conhecidos, em que repetem eternamente as batalhas do passado”, em contraposição a uma “verdadeira história crítica da ciência” (BOURDIEU, 1989, p. 46). As refle-

xões desse autor sobre a necessidade do que denomina de “ruptura epistemológica” são perfeitamente adequadas a nossa argumentação no sentido de perceber a força da memória fazendo prevalecer os ideais ditos tradicionais, o que para Pierre Bourdieu propicia uma espécie de “conservadorismo estrutural” (BOURDIEU, 1989, p. 45). Romper com esse *establishment* acadêmico pode até ser um desafio, porém indispensável para que a pesquisa histórica avance, evitando-se, assim, o anacronismo.

A importância da análise dos textos publicados por Virgílio Corrêa Filho está em permitir o resgate de sua visão da história e os elementos que compunham sua preocupação de historiador, ou seja, suas impressões pessoais sobre as questões predominantes entre os intelectuais, seus contemporâneos. É possível constatar que, mantendo sempre a coerência, privilegiou alguns valores comuns aos escritores selecionados, que alimentaram, com certeza, sua concepção de história e orientaram a metodologia para a produção do seu próprio discurso. Sempre ressaltou o que chamou de “brasileirismo sadio”, isto é, a necessidade de conhecer o Brasil por inteiro, para melhor dimensionar seus problemas, de forma a integrar o interior, praticamente desconhecido, ao litoral cosmopolita. Para ele, era imprescindível organizar o país de acordo com suas próprias características. Somente com uma competente mobilização e com ideias renovadoras, como pregavam os nacionalistas, seriam viáveis o engrandecimento do Brasil e a consciência nacional, garantidora do seu futuro. Enaltecendo autores redescobertos na década de 1930, como Capistrano de Abreu (1853-1927), Alberto Torres (1865-1917), Euclides da Cunha (1866-1909) e Francisco de Oliveira Viana (1889-1931), exaltou os propósitos pragmáticos que poderiam ser atingidos com a associação entre a História e a Geografia, visando ao melhor desempenho das pesquisas para o total conhecimento do país. Enfim, a preparação

profissional e o estudo consciencioso do Brasil deveriam transformar o homem em agente de progresso. Virgílio Corrêa Filho, ativo participante, portanto, do movimento nacionalista que se intensificou após a Guerra de 1914, insistiu mais nessas problemáticas, encontrando, no governo de Getúlio Vargas, o meio propício ao desenvolvimento dos seus anseios, como expressa a apologia que proclamou sobre a Constituição do Estado Novo, que teria imprimido “eficaz impulso às atividades brasileiras” (Corrêa Filho, 1933b, 1938e)²³.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil (dois séculos de história)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1978.
- BARROS, Gabriel Vandoni de. *A burla do voto na República Nova*. São Paulo: Venitas Gráfico, 1934.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S.A., 1989.
- _____. Por uma ciência das obras. In: _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.
- CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Edições Melhoramentos, [s.d.].
- CARTA de Virgílio Corrêa Filho para Dr. Roberto Campos. *Arquivo do IHGB*, Rio de Janeiro, 4 maio 1964a.
- CARTA de Virgílio Corrêa Filho para Fernando Corrêa da Costa. *Arquivo do IHGB*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1962a.
- _____. _____, Rio de Janeiro, 2 jul. 1963.
- CARTA de Virgílio Corrêa Filho para Jânio Quadros. *Arquivo do IHGB*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1961.
- CARTA de Virgílio Corrêa Filho para Luiz Portela. *Arquivo do IHGB*. Rio de Janeiro: 26 de agosto de 1964b.
- CARTA de Virgílio Corrêa Filho para Milton Bacha. *Arquivo do IHGB*, Rio de Janeiro, 15 out. 1964d.

23 Conferir: Trindade (2001).

CARTA de Virgílio Corrêa Filho para o engenheiro Manoel Rodrigues Ferreira e para o professor Tito Lívio Ferreira. *Arquivo do IHGB*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1962b.

CARTA de Virgílio Corrêa Filho para Sebastião Herzen. *Arquivo do IHGB*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1964e.

CELSO, Affonso. *Porque me ufano do meu país*. 11. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., Editores, 1937.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

_____. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97-113, 1994.

COMENTÁRIOS. *Revista Brasileira de Geografia*, p. 375, jul./set. 1944.

CORRÊA FILHO, Virgílio. A bacia do São Francisco. *Revista do Clube Militar*, Rio de Janeiro, n. 123, 1953a.

_____. A cartografia da região Amazônica. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 259, abr./jun. 1963a.

_____. À cata de ouro e diamantes. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editora Paulo Pongetti & Cia., 1926a. v. 3.

_____. A geografia, auxiliar da diplomacia. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1950a.

_____. A história através do depoimento dos diplomatas. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1938a.

_____. A Missão Cultural Francesa e o Instituto Histórico. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 13 maio 1945a.

_____. A parentela de Fernando de Bulhões. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 31 maio 1942a.

_____. *A propósito do boi pantaneiro*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editora Paulo Pongetti & Cia., 1926b. v. 6.

_____. *A propósito dos novos territórios: comentários despreziosos*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio- Rodrigues & Cia., 1944a.

_____. À sombra de radioso idealismo. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1. dez. 1957a.

_____. À sombra dos ervais mato-grossenses. São Paulo: Editora Ltda., 1925a. v. 4.

- _____. Afonso Celso (Por que me ufano...). *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1. dez. 1957b.
- _____. Afonso Celso. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1938b.
- _____. 3 abr. 1960a.
- _____. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 247, abr./jun. 1960b.
- _____. v. 249, out./dez. 1960c.
- _____. *Agentes de coesão nacional*. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1939a.
- _____. Alexandre de Gusmão. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 29 dez. 1935a.
- _____. Alexandre de Gusmão. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 1, 1950b.
- _____. Apoio fraternal. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 set. 1940a.
- _____. Arquivo do Instituto Histórico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 215, 1953b.
- _____. *As estradas de rodagem de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: *Jornal do Comércio*, 20 abr. 1928a.
- _____. *As raias de Mato Grosso*. São Paulo: Seção de Obras d' O Estado de São Paulo, v. 1, 1924a.
- _____. v. 2-3, 1925b.
- _____. *As raias de Mato Grosso*. São Paulo: Seção de Obras d' O Estado de São Paulo, 1926d. 4 v.
- _____. Atividades culturais do Instituto Histórico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 245, 1959a.
- _____. v. 249, 1960d.
- _____. v. 257, 1962a.
- _____. v. 261, 1963b;
- _____. v. 265, 1964.
- _____. v. 269, 1965a.
- _____. Campanha das Coordenadas. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1939b.
- _____. Centenários expressivos (Benjamin Constant e Afonso Celso). *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1936a.

- _____. Comissão Bacia Paraná-Uruguaí: cooperação fecunda. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1957c.
- _____. 16 mar. 1958a.
- _____. 6 abr. 1958b.
- _____. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 255, 1962b.
- _____. Congresso geográfico. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 8 set. 1940b.
- _____. Conselho Nacional de Geografia. Jubileu de Prata. *Revista Brasileira de Geografia*, abr./jun. 1962c.
- _____. *Considerações acerca da peste de cadeira*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, 1927. v. 7.
- _____. Considerações acerca do Paraguai, via fluvial de navegação para Cuiabá, no Centro da América do Sul. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 2, 1934a. (Apresentado na Assembleia Inaugural do IPGH, em 1932).
- _____. Continente de paz. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1938c.
- _____. Contrastes guanabarinós. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, l. 8, 15 abr. 1945b.
- _____. Cooperação internacional. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1938d.
- _____. Cuiabá, afluente do Paraguai. *Revista Brasileira de Geografia*, 1942b.
- _____. *Curso de férias*. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 2 fev. 1941a.
- _____. Data pan-americana. *Mensário do Jornal do Comércio*, 21 abr. 1940c.
- _____. De Gusmão a Melo Franco. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 out. 1933a.
- _____. Descobrimento do Amazonas. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 30 mai 1943a.
- _____. Devassamento e ocupação da Amazônia brasileira. Separata da *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 2, 1942c.

- _____. Divagações. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 jun. 1939c.
- _____. Do jornalismo à história. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1931a.
- _____. 16 out. 1932a.
- _____. 28 jan. 1936b.
- _____. 14 dez. 1941b.
- _____. 9 dez. 1945c.
- _____. Do romantismo político ao realismo. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, jan. 1938e.
- _____. Dois excitadores de dedicações. *Jornal do Comércio*. 19 fev. 1933b.
- _____. E.F. Brasil-Bolívia. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1941c.
- _____. Embaixador da paz. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 229, out./dez. 1955a.
- _____. Empresa modelar. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24 set., 8 out. 1944b.
- _____. Ensaio de geografia militar. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1935b.
- _____. Ensinaamentos oportunos. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 15 set. 1940d.
- _____. *Estrada da Chapada (estudos preliminares)*. Cuiabá: Tipografia Oficial, 1910.
- _____. *Evolução do erário*. São Paulo: Cia. Gráfico Editora Monteiro Lobato, 1925c. v. 2.
- _____. Evolução dos processos de aquisição de terras no Brasil. *Revista Geográfica*, n. 49, t. 23, Rio de Janeiro, jul./dez. 1958c. Comissão de Geografia do IPGH.
- _____. Evolução ferroviária do Brasil. In: _____. *Aspectos da formação e evolução do Brasil*. Rio de Janeiro: Of. Jornal do Comércio, 1953c.
- _____. Evolução geográfica da cidade. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 251, abr./jun. 1961a.
- _____. Evolução histórica de Mato Grosso. *Revista Esso*, Rio de Janeiro, nov./dez. 1950c.

- _____. Expansão territorial do Brasil. *Revista do Clube Militar*, Rio de Janeiro, n. 121, 1952a.
- _____. Feijó Bitencourt. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 236, 1957d.
- _____. Fernando Lobo. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26 set. 1937.
- _____. Formação geográfica do Brasil. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 212, jul./set. 1951a.
- _____. *Guaporé, fator geopolítico*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1966. v. 2.
- _____. Gusmão e sua obra prima. *Mensário do Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 12 jan.1930a.
- _____. Hélio Lobo. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 19 set. 1948.
- _____. Hélio Lobo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 248, jul./set. 1960e.
- _____. História econômica do Brasil. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 13, 20, 27 fev. 1938f.
- _____. Histórico das fronteiras. *Anuário Geográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, anul, 1953d.
- _____. Ideias pioneiras. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 8 out. 1939d.
- _____. Impressões da viagem pelo Paraguai até o Jauru. *Revista Brasil-Oeste*, São Paulo, ano 10, n. 101, jan./fev. 1965b.
- _____. *Indústrias mato-grossenses*. Rio de Janeiro: Of. Jornal do Comércio, 1945d. v. 5.
- _____. *Introdução à enciclopédia dos municípios*. Rio de Janeiro, 1959b. v. 35.
- _____. *Joaquim Murinho*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951b.
- _____. Joia bibliográfica. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24 maio 1942d.
- _____. José Carlos de Macedo Soares e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Revista do IHGB*, v. 261, out./dez. 1963c.

_____. José Carlos de Macedo Soares: o escritor, o conferencista e o historiador. *Revista do IHGB*, v. 262, 1963d.

_____. José de Lima Figueiredo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 20, n. 1, 1958d.

_____. *Leverger: o bretão cuiabanizado*. Cuiabá: Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1941d.

_____. Luis de Albuquerque: fronteiro insigne. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL, 3., 1942, Rio de Janeiro. Separata dos *Anais...* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942e.

_____. *Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1922. (Contribuição para o Dicionário Histórico Geográfico Etnográfico do Brasil, comemorativo do Centenário da independência).

_____. Mestre de jornalistas. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1938g.

_____. Mestres de engenheiros. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 28 out. 1951c.

_____. Miguel Calmon. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 27 fev. 1935c.

_____. *Missões brasileiras nos arquivos europeus*. México: Instituto Pan-Americano de Geografia e Historia/Comisión de Historia. 1952b.

_____. *Monografias cuiabanas: questões de ensino*. São Paulo: Cia. Gráfico Editora Monteiro Lobato, 1925d. v. 1.

_____. Nacionalização de Fronteiras. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1941e.

_____. Nacionalizando as fronteiras. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1939e.

_____. Natal na América. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1939f.

_____. Nos domínios da geografia. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1939g.

_____. _____, 12 jan. 1941f.

_____. Nos domínios da siderurgia. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 6 out. 1940e.

_____. *Notas à margem*. São Paulo: Seção de Obras d`O Estado de São Paulo, 1924b. (Ensaio Histórico).

_____. O Centro-Oeste e a economia nacional. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1. mar. 1942f.

_____. O chanceler imortal. *Revista de História*, São Paulo, ano 13, n. 52, out./dez. 1962d.

_____. O dissídio lindeiro. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22, 29 mar. 1936c.

_____. O enigma do Paraguai. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22, 29 abr. 1928b.

_____. _____. _____, 6, 13, 20, 27 maio 1928c.

_____. O Estado nacional e a geografia. *Ciência Política*, Rio de Janeiro: Órgão Oficial do Instituto de Ciência Política, fasc. 6, v. 6, p. 37-39, [s.d.].

_____. O homem e as secas. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 29 jan.; 12 fev. 1939h.

_____. O Instituto Histórico e a cordialidade americana. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 208, p. 340, 1950d.

_____. O Instituto Histórico e a princesa regente. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 192, 1946a.

_____. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 257, 1962e.

_____. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e José Carlos de Macedo Soares. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 261, out./dez., 1963e.

_____. O Instituto Histórico. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 247, 1960f.

_____. O Itamarati e a história do Brasil: à sombra de sadias tradições. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 233, p. 202, 1956.

_____. O problema das secas. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 20, 27 ago. 1939i.

_____. 3 set. 1939j.

_____. 13 jul. 1958e.

_____. O rio São Francisco e seus problemas. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 16, 23, 30 set. 1934b.

_____. Os predecessores de Rondon. *Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso*, ano 10, t. 19, 1928d.

_____. *Os tratados com a Bolívia* (Limites e comunicações ferroviárias). Rio de Janeiro: *Jornal do Comércio*, 1930b.

_____. Panorama luminoso. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 19 nov. 1939k.

_____. *Pantanais mato-grossenses (devassamento e ocupação)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Geográfica Brasileira. 1946b. (Série A: Livros. Serviço Gráfico do IBGE/CNG, 3).

_____. Paulo de Frontin e André Rebouças. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 set. 1960g.

_____. *Pedro Celestino: o guia dos mato-grossenses*. Rio de Janeiro: Livraria Zélio Valverde, 1945e.

_____. Pinheiro Machado no Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, v. 211, abr./jun. 1951d.

_____. Portugalia Monumenta Cartográfica. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 259, abr./jun. 1963f.

_____. *Questões de terras*. São Paulo: Seção de Obras d'O Estado de São Paulo, 1923.

_____. Rio Branco. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 255, abr./jun. 1962f.

_____. Rio predestinado. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 8 ago. 1943b.

_____. 4 maio 1947a.

_____. 7, 21 jan. 1951e.

_____. 4, 18 fev. 1951f.

_____. Rondon e sua obra. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1929.

_____. 29 mar. 1931b.

_____. 7 ago. 1938h.

_____. 30 jul. 1939L.

- _____. 14 dez. 1952c.
- _____. 16 fev. 1958f.
- _____. Rondon. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, jul./ago. 1961b.
- _____. v. 266, jan./mar. 1965c.
- _____. Rumo ao Oeste. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 6 fev. 1938i.
- _____. S.G.E.F. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1942g.
- _____. Sampaio Corrêa. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1942h.
- _____. 28 nov. 1943c.
- _____. 6 set. 1950e.
- _____. Tavares de Lyra: historiador. *Revista do IHGB*, v. 228, jul./set. 1955b.
- _____. Travassos. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 19 set. 1943d.
- _____. Trecho encachoeirado do Rio São Francisco. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 1947b.
- _____. Utilização do Paraná. *Mensário do Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1933c.
- _____. Utilização econômica de terras. 4^a Assembleia do IPGH. Caracas, setembro de 1946. *Estudos Históricos da América*, Caracas, 1946c.
- CORRÊA, Samuel A. A. (Org.). *Recordações inéditas de Virgílio Corrêa Filho em seu Centenário*. Rio de Janeiro: 1987.
- _____. (Org.). Virgílio Corrêa Filho. *Revista do IHGMT*, Cuiabá: IHGMT, [s.d.].
- CORRESPONDÊNCIA ativa e passiva de Virgílio Corrêa Filho com Edgar Teixeira Leite. *Arquivo do IHGB*, Rio de Janeiro, 1943.
- DREIFUSS, René A. 1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe. Tradução: Ayeska Branca de Oliveira Farias et. al. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, jan./jun. 1993.

GOMES, Angela de C. (Coord.). *Engenheiros e economistas: novas elites burocráticas*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1994.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 41-66, 1997.

HOLANDA, Sérgio B. de. O pensamento histórico no Brasil durante os últimos cinquenta anos. *Correio da Manhã - Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro, 15 jun. 1951.

IHGB- Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Discurso comemorativo do centenário de Virgílio Corrêa Filho*. Rio de Janeiro: IHGB. [s.d.].

INQUÉRITOS E REPORTAGENS. O I.B.G.E. e a vitalização municipal. *Revista Brasileira dos Municípios*, 1952.

LEONZO, Nanci. A gaveta do barão. *RIHGB*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 351-359, abr./jun. 1996.

MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1908-1912)*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Moderna, 1997.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

MIYAMOTO, Shiguenoli. *Geopolítica e poder no Brasil*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

NOTICIÁRIO. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, abr./jun. 1944.

PARA QUE SERVE O RECENSEAMENTO. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Tradução de Maria J. Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

mi r q ^ o ` l Ks 4Ç~ëKq ê~Çi Đš ç=ÇÉ=ğ~ã É= _ ê â ~Kp š ç =m~i 4 Wb Çãç ê= ` i ãñl=æKÇK

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro, jan./mar., abr./jun., jul./set. 1943.

_____. Rio de Janeiro, jan./mar., abr./jun., jul./set., out./dez. 1955.

_____. Rio de Janeiro, jul./set., out./dez. 1944.

SECRETARIA GERAL DO CONSELHO (Org.). Histórico da Criação do Conselho Nacional de Geografia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, ano 1, n. 1, p. 3-18, jan. 1939.

SINOPSE estatística do município de Aquidauana, Estado de Mato Grosso. Aquidauana:IBGE, [s.d.].

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização nacional*. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

TÓRTIMA, Pedro. Produção bibliográfica de Virgílio Corrêa Filho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 148, n. 357; 439-571, out./dez. 1987.

TRINDADE, Vilma Eliza. *Política, história e memória em Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho, 1887-1973*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

VALVERDE, Orlando. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Discurso comemorativo do centenário de Virgílio Corrêa Filho – IHGB. Rio de Janeiro: IHGB, [s.d.]

VELLOSO, Mônica P. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988.

VERGARA, Pedro. Ideia e ação. *Ciência Política*. Rio de Janeiro: Órgão oficial do INCP, fasc. 5, v.1, p. 69, 1941.

_____. O pensamento de Getúlio Vargas. *Ciência Política*, Rio de Janeiro: Órgão Oficial do Instituto Nacional de Ciência Política, fasc. 6, v. 6, p. 62, 1943.

LICEU CUIABANO, 1ª SEDE



Fonte: Album Graphico do Estado de Matto-Grosso

PALÁCIO DA INSTRUÇÃO 1915



Fonte: APMT – Acervo Adelaide